

Gêneros textuais: as várias maneiras de se comunicar

*Maria da Glória Fonseca do Carmo¹
Érica Alessandra Fernandes Aniceto²*

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar o processo de construção do conhecimento sobre gêneros textuais, de acordo com um projeto do Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia, do Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), com alunos do 5.º ano da Escola Estadual Louis Ensck, de João Monlevade.(MG). A metodologia utilizada baseia-se em trabalho direcionado pelo livro *Felpe Filva*, de Eva Furnari. Com ênfase em diversos gêneros textuais, em que se inseriu a discussão da construção de cartas, biografias, autobiografias, cartões postais, sinopses, bulas, manuais e receitas, combinados a teorias referentes aos gêneros que circulam na sociedade, os resultados foram analisados com o uso de diários de intervenção pedagógica, em consonância com bases teóricas referentes ao assunto. O resultado da aplicação foi animador, pois os alunos, após produzirem alguns textos, sentiram-se motivados a escrever espontaneamente outros, considerando, de forma mais crítica, os principais aspectos que devem ser considerados durante a produção escrita.

Palavras-chave: Construção do Conhecimento; Texto; Gênero Textual.

¹ Licenciada em Pedagogia pelo Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal de Ouro Preto.

² Professora de Língua Portuguesa no Codalip - Departamento de Língua Portuguesa.

Gêneros textuais: as várias maneiras de se comunicar

*Maria da Glória Fonseca do Carmo
Érica Alessandra Fernandes Aniceto*

1 Introdução

Este estudo tem como proposta analisar a construção do conhecimento sobre gêneros textuais, tomando como base a realidade de alunos do 5.º ano da Escola Estadual Louis Ensich, situada à Rua São Domingos do Prata, n.º 35, Bairro José Elói, João Monlevade (MG). Mesmo estando a Escola localizada em bairro central, muitos alunos são provenientes de classe social baixa, residem em zona de risco social e convivem com a realidade do tráfico de drogas e de famílias desestruturadas e desfavorecidas econômica e socialmente.

O trabalho em questão, que abordou o estudo dos gêneros textuais, fundamentado em uma prática lúdica e prazerosa, está de acordo com Soares (1998), Freire (2001), Marcuschi (2005), entre outros autores. A intervenção foi desenvolvida com o intuito de promover nos alunos uma aprendizagem significativa, a partir da percepção da necessidade de um trabalho inovador no que tange ao ensino da Língua Portuguesa.

Em conversa com a professora regente da referida classe e com a supervisora, com vistas à produção de textos, foi apresentada esta proposta de trabalho baseada na leitura de vários gêneros textuais apresentados no livro *Felpe Filva*, de Eva Furnari³. Trata-se de gêneros textuais com os quais os alunos têm contato e que podem tornar a aprendizagem mais significativa e prazerosa.

Portanto, se propôs apresentar vários gêneros textuais que circulam na sociedade, abordando a forma de escrevê-los, o tipo de linguagem utilizada, aquele a quem se escreve, visando à linguagem oral e à escrita. As atividades foram

³ Neste livro, da Editora Moderna, Eva Furnari conta a história de Felpe, um coelho poeta um pouco neurótico que vive isolado do mundo. Um dia, ele recebeu a carta de uma fã que discor- dava dos seus poemas, a Charlô. Indignado, iniciou uma troca de correspondências com ela. Eva Furnari usa a história do coelho para trabalhar com gêneros textuais de forma muito divertida.

relacionadas de acordo com a realidade dos alunos, com objetivos claros de formar sujeitos capazes de ler e redigir, procedimentos fundamentais para sua vida em sociedade, como se vê nos PCN (1997).

A metodologia utilizada no projeto foi diversificada, a fim de que os alunos pudessem atingir os objetivos em relação a um conteúdo específico. Para isso, a professora lançou mão do livro didático, textos informativos, pesquisas em várias fontes, jogos, teatro, trabalho em grupo, aula expositiva, pesquisa de campo e visitas a locais determinados, de acordo com o tema trabalhado. Tal procedimento associou o tradicional e o inovador, o lúdico e o concreto, oportunizando aos alunos solucionar problemas por reflexões, questionamentos e hipóteses, o que conduz a um aprendizado autônomo e crítico, tendo como resultado a construção do conhecimento e o desenvolvimento das capacidades cognitivas.

2 Referencial teórico

É fato que estudos atuais da Linguística enfatizam a importância do contato, com diversos gêneros textuais que circulam na sociedade, o que valoriza desenvolver habilidades de ler e redigir e compreender a função social dos diferentes textos que permeiam o dia a dia dos cidadãos. Esses estudos almejam também promover a compreensão e distinção entre os gêneros textuais e propiciar momentos de produção de textos variados, aprimorando a capacidade de redigir. Dessa forma, verifica-se a necessidade, dentro ou fora da escola, da utilização de diferentes textos para atuar em sociedade e se comunicar satisfatoriamente, ora para diversão, ora para informação, para retratar fatos e acontecimentos etc.

Os PCN de Língua Portuguesa confirmam a importâncias desses procedimentos:

estão fundamentados basicamente na teoria dos gêneros textuais, sugerindo que o trabalho com a língua materna, no que se refere ao ensino de recursos expressivos da linguagem, tanto oral quanto escrita, desenvolva o conhecimento necessário para que os participantes envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem saibam adaptar suas atividades linguísticas, com sucesso, aos eventos sociais comunicativos de que participam. (PCN, 1999, p. 54)

Os PCN (1998, p.21) também explicam o seguinte: “todo o texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, os quais geram usos sociais que os determinam”. Assim, esta proposta de trabalho baseou-se principalmente na leitura de gêneros textuais apresentados no livro Felpe Filva, de Eva Furnari, com os quais os alunos mantêm contato e que, de alguma maneira, fazem parte de sua vida.

Segundo Bazerman (2005, p.106), “cada pessoa, através de comunicação por gêneros textuais, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando”. Seguindo essa linha, a Escola Estadual Louis Ensich procura estar sintonizada com a formação do cidadão ativo e participativo, estabelecendo, em sua prática diária, contato e trabalho com os diferentes gêneros textuais.

Nesse aspecto, Schneuwly e Dolz (1999, p.9) salientam: “é função da escola levar o aluno ao domínio do gênero, exatamente como este funciona (realmente) nas práticas de linguagem de referência”. É aconselhável, pois, que o trabalho educativo seja conduzido de forma prazerosa, entre professor e alunos, para que os diferentes gêneros textuais sejam bem trabalhados e sua função e características sejam absorvidas, com competência.

É importante, portanto, acrescentar o que diz Freire (2001):

o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 2001, p.96)

No entanto, realizar o trabalho com gêneros textuais na sala de aula não é tarefa fácil. Toda a proposta da escola deve estar baseada na ideia de letramento, segundo a qual não basta conhecer o código e as tecnologias da escrita, tendo de haver, portanto, visão de função e uso social de cada texto.

Defensora dessa prática, Soares (1998) afirma:

um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 1998, p. 39-40)

Em sua ação pedagógica, o docente deve investigar e levar em consideração as práticas sociais que fazem parte do dia a dia dos alunos, escolhendo gêneros textuais pertinentes e adequando-os ao nível de letramento correspondente. A utilização de textos ligados aos contextos alunos pode gerar motivação, interesse e eficácia na aprendizagem da leitura e da escrita.

Bazerman (2006) afirma o seguinte:

não devíamos ser displicentes na escolha dos gêneros escritos que os nossos alunos vão produzir. Não deveríamos manter estas escolhas invisíveis aos alunos, como se toda produção escrita exigisse as mesmas posições, comprometimentos e metas, como se todos os textos compartilhassem das mesmas formas e características; como se todo letramento fosse igual. (BAZERMAN, 2006, p.24)

Para Freire (2001, p.11), “a compreensão crítica do ato de escrever não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa na inteligência do mundo”. Dessa forma, os gêneros textuais utilizados nas salas de aula devem e podem contribuir para os processos de alfabetização e letramento. O trabalho desenvolvido pelo professor deve proporcionar aos alunos o acesso a uma gama de gêneros textuais que fazem parte de suas interações sociais, garantindo-lhes a habilidade de lidar com eles no seu cotidiano, com a escrita e leitura em seus mais diversos usos. Assim, o trabalho com os gêneros textuais pode incentivar nos alunos o desejo de realizar suas próprias produções.

Para Schneuwly e Dolz (2004, p.75), “o gênero pode fornecer suporte para a atividade, nas situações de comunicação, e uma referência para os aprendizes”.

Nesse sentido, Bazerman (2006) tem importante observação:

cabe a nós, professores, ativarmos o dinamismo da sala de aula de forma a manter vivos, nas ações significativas de comunicação escolar, os gêneros que solicitamos aos nossos alunos produzirem. Isso pode ser feito tomando-se como base a experiência prévia dos alunos com os gêneros, em situações sociais que eles consideram significativas, ou explorando o desejo dos alunos de se envolverem em situações discursivas novas e particulares, ou ainda tornando vital para o interesse dos alunos o terreno discursivo que queremos convidá-los a explorar. (BAZERMAN, 2006, p.30)

Tendo como base a visão apresentada, portanto, o uso de diferentes gêneros textuais em sala de aula, o cerne deste trabalho, pode ser visto como bússola norteadora de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, pois trabalhar com eles foi uma grande oportunidade de lidar com a língua em seus diversos usos no cotidiano. Eles permitiram desenvolver a habilidade dos alunos de elaborar textos orais e escritos e aperfeiçoar sua destreza de recepção, ou seja, compreensão e interpretação dos textos, mostrando maneiras concretas de participação social como cidadãos.

Nesse contexto, é preciso levar em consideração este esclarecimento de Marcuschi (2005):

usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (MARCUSCHI, 2005, p. 22-23)

E também o que dizem os PCN:

a importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento. Atualmente exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes e muito superiores aos que satisfizeram as demandas sociais até bem pouco tempo atrás — e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. Para a escola, como espaço institucional de acesso ao conheci-

mento, a necessidade de atender a essa demanda, implica uma revisão substantiva das práticas de ensino que tratam a língua como algo sem vida e os textos como conjunto de regras a serem aprendidas, bem como a constituição de práticas que possibilitem ao aluno aprender linguagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente. (PCN, 1997, p. 25)

Aprender exige concentração, pois não é um ato mecânico pura e simplesmente de retenção de informações na memória. A aprendizagem exige muito mais que isso, é muito mais ampla e tem como consequência o conhecimento, que permite aos alunos solucionar problemas da vida e do mundo em que está inserido. As dinâmicas das aulas auxiliaram nisso, pois, à medida que se apresentavam os textos, os alunos foram perguntando sobre o não entendiam, sendo prontamente auxiliados na resolução dos casos, num processo dialógico. Alguns apresentavam dificuldade na compreensão do que estava sendo solicitado, pois ainda não tinham o domínio completo da leitura, mas, à medida que eram auxiliados, foram melhorando e passaram a compreender melhor os textos.

Os PCN, portanto, reforçam as atividades propostas:

deve-se ter em mente que tal ampliação não pode ficar reduzida apenas ao trabalho sistemático com a matéria gramatical. Aprender a pensar e falar sobre a própria linguagem, realizar uma atividade de natureza reflexiva, uma atividade de análise lingüística supõe o planejamento de situações didáticas que possibilitem a reflexão não apenas sobre os diferentes recursos expressivos utilizados pelo autor do texto, mas também sobre a forma pela qual a seleção de tais recursos reflete as condições de produção do discurso e as restrições impostas pelo gênero e pelo suporte. Supõe, também, tomar como objeto de reflexão os procedimentos de planejamento, de elaboração e de refacção dos textos. (PCN, 1998, p. 28)

3 Método

Para elaborar esta pesquisa, foram utilizados os seguintes métodos empíricos de pesquisa exploratória: observação da realidade da Escola Estadual Louis Enschede, questionários e entrevistas com funcionários da escola, descrição, nos diários de bordo da disciplina de Estágio Supervisionado, dos dados coletados. Também foi utilizada pesquisa bibliográfica sobre análise e síntese, permitindo processar as informações obtidas e organizá-las neste artigo, e informações de teóricos da área com os resultados da pesquisa de campo.

Este trabalho, que teve a duração de aproximadamente 20 horas, divididas em 10 aulas, durante 10 dias, objetivou desenvolver a habilidade de ler e de escrever e levar a compreender a função social de vários gêneros textuais trabalhados na sala de aula. Para isso, foram propostas correlacionadas com a realidade dos alunos, para formar sujeitos capazes de ler e redigir, procedimentos fundamentais para sua vida em sociedade.

Sendo assim, mesmo seguindo o livro *Felpe Filva*, de Eva Furnari, cada aluno produziu textos em seu caderno, à medida que as aulas iam acontecendo, tendo como suporte material textos impressos de vários gêneros usados no dia a dia.

O trabalho teve início com a análise da capa do livro e com as seguintes perguntas: nome do livro, nome da autora, nome da editora. Dando continuidade, discutiu-se sobre a imagem presente na capa: o coelho Felpe sentado em frente a uma máquina de escrever. Foram discutidas as características do Felpe, com previsões do que seria lido.

Logo em seguida, apresentou-se uma sinopse do livro, com discussão sobre o gênero em questão. Os próprios alunos chegaram à conclusão de que essa forma textual aparece nas capas de filmes que esporadicamente alugam em locadoras.

Após discutir o gênero sinopse, seguiu-se a leitura de biografias. Primeiramente, leu-se a biografia da Eva Furnari, enfatizando as características presentes nesse gênero textual, como data de nascimento, cidade natal, obras escritas, formação, preferências etc. A partir daí, os alunos leram a biografia e autobiografia de Felpe apresentadas no livro. Foi feito então um estudo dirigido dos textos, com informações explícitas e implícitas e, como arremate, foi solicitado que os alunos redigissem uma autobiografia. Foi um momento de interação e o professor pôde auxiliar na prática construtiva do texto. Logo após, os alunos fizeram leituras e compararam suas produções, emitindo opiniões sobre aquilo que devia ser melhorado para a compreensão leitora.

Em seguida, o gênero carta foi apresentado e discutiram-se as características do texto, que era uma carta de Charlô ao Felpe. A classe chegou à conclusão de que cartas servem para se comunicar e que nelas estão: nome da cidade e data, saudação, logo em seguida se entra no assunto e, no final, vem a despedida. No entanto foi esclarecido aos alunos que algumas cartas não apresentam todos esses elementos, uma vez que não há uma rigidez para caracterizar esse gênero textual somente por essas características, já que há tipos especiais que não seguem a estrutura tradicional. Aproveitou-se para discutir como é que se envia uma carta. O óbvio apareceu. Mas como preencher um envelope? Diante da dificuldade demonstrada pelos alunos, foi solicitado a eles que improvisassem um envelope. Foi pedido então que colassem a carta no caderno para posterior reescrita e envio. Nessa discussão, incluíram-se novas modalidades de comunicação, como e-mail e msn, e suas linguagens específicas.

Na própria carta escrita a Felpe, Charlô faz acertos em um dos poemas. Foi discutido com a turma o gênero, fazendo a distinção entre poesia e poema. Poesia é um texto dividido em partes, que recebem o nome de estrofes, sendo que cada linha da estrofe é um verso, que emociona, toca a sensibilidade. Já o poema é uma obra literária apresentada em versos em que há poesia. Poesias e poemas emocionam, tocam a sensibilidade. As cartas de Charlô possibilitaram as relações intertextuais, já que os poemas de Felpe se comunicam diretamente com o gênero textual contos maravilhosos, com muitas inversões, de

acordo com a realidade vivida pelo coelho, que se isolou do mundo por causa da diferença pela qual foi discriminado. Também nesse momento discutiu-se a questão do bullying nas escolas, pois Felpe afastou-se da sociedade justamente porque ele era diferente, e nada do que tentaram fazer para incluí-lo o ajudou. Os alunos foram convidados a refletir sobre as agressões sofridas pela personagem e, quem quis, compartilhou com os colegas os problemas vividos em casa.

Os cartões postais, telegramas, bula de remédios, listas de compras, manual de produtos e receitas culinárias foram discutidos à medida que foram aparecendo no livro. A cada discussão, novas conclusões e novas produções foram surgindo.

Durante todo desenvolvimento do trabalho, foi pedido aos alunos que realizassem pesquisas em variadas fontes sobre o tema gêneros textuais e que trouxessem de casa exemplos dos textos trabalhados, como produções escritas e cartazes, para debates e questionamentos em sala.

Em uma visita aos Correios, orientados pela professora, os alunos postaram as cartas produzidas por eles, depositando-as nos lugares indicados, conforme a cidade, estado ou país de destino, e foram informados sobre a tarifa social.

Durante todo o desenvolvimento do estudo, as atividades realizadas de exploração do tema foram coletadas e afixadas num caderno próprio, enriquecido com fotos (com autorização assinada pelo responsável) dos momentos marcantes, para apreciação dos alunos, professora e familiares. Assim, o livro foi apresentado e discutido com todos os elementos de gêneros textuais presentes.

4 Apresentação e análise de resultados

Durante o desenvolvimento do trabalho com os gêneros textuais, na turma do 5.º ano do ciclo de alfabetização, a observação e coleta de evidências da aprendizagem ocorreram de diferentes formas: observação direta do pesquisador e professora, aplicação de atividades fora e em sala, além da realização de rodas de conversa sobre o tema.

Considerando que aprender exige concentração, sabe-se que nada na aprendizagem é um ato mecânico, pura e simplesmente baseado na retenção de informações na memória. Aprender exige mais, e sua consequência direta é o conhecimento. É o conhecimento que faz com que o indivíduo aprenda a discernir coisas e solucionar problemas da vida e do mundo em que está inserido.

As dinâmicas das aulas, mediadas pela professora, auxiliaram nisso, pois, à medida que se apresentavam partes dos textos, os alunos foram inquirindo sobre aspectos que não entendiam e foram auxiliados prontamente na resolução

dos casos, em um processo totalmente dialógico. Alguns apresentaram dificuldade na compreensão do que estava sendo solicitado, pois ainda não tinham o domínio completo da leitura. Mas, à medida que eram auxiliados, foram melhorando e passaram a compreender melhor os textos, pois a maior preocupação foi auxiliar no processo da leitura individual e coletiva, e aqueles que apresentaram mais dificuldade tiveram atenção diferenciada, com atendimento individualizado, que consistiu em anotações de proficiência leitora, processo que ajudou bastante na elaboração dos relatórios finais para a escola.

Analisando os resultados obtidos, é possível perceber o progresso dos alunos no trabalho com os gêneros textuais. A docente também percebeu a importância de maior contato com a diversidade textual. Os textos propostos por Eva Furnari são de fácil leitura e compreensão e instigaram nas crianças a curiosidade de querer aprender como se escrevia neste ou naquele gênero textual. Também foram discutidas as possibilidades de palavras usadas nos textos, sem, contudo, querer frisar a questão gramatical, pois, como bem disse Freire (2001), a leitura precede a escrita.

Além dos textos propostos no livro Felpe Filva, os alunos, que se mostraram interessados, contribuíram com o processo, trazendo textos de suas casas, como bula de remédio, cartas comerciais, cartas pessoais, manual de produtos, entre outros. Acredita-se que essa curiosidade e vontade de compartilhar os textos trazidos auxiliaram em muito a aprendizagem leitora, pois, a cada dia, uma novidade era apresentada. Como, no livro trabalhado, a autora não propõe discutir finalidades desses gêneros, essas finalidades foram inseridas naturalmente, a fim de beneficiar os alunos com essas competências.

A aplicação deste projeto foi um trabalho gratificante, pois auxiliou os alunos a ampliar o universo de conhecimento dos gêneros textuais, principalmente porque se procurou envolver toda a turma no processo de aprendizagem. Todos os alunos foram auxiliados na construção do saber, à medida que tinham que responder questionamentos a respeito do conteúdo da produção textual.

O gênero carta, com certeza, foi o mais interessante, pois, além de trabalhado e detalhado, os alunos elaboraram uma correspondência e a enviaram para o destinatário, durante a visita à agência dos Correios da cidade, com prévia autorização dos pais.

Alguns dos resultados deste trabalho não podem ser mensurados, apenas indicados, como a alegria das crianças durante realização do passeio aos Correios, o entusiasmo ao realizar atividades relacionadas ao livro e a disposição em dar boas respostas e obter elogios dos educadores envolvidos neste trabalho.

Em relação ao que foi proposto nas análises feitas diante do que foi produzido pelos alunos, no caderno com as atividades e outras produções, percebeu-se que houve melhora significativa nos textos produzidos durante e após discussões e nas atividades desenvolvidas com os diferentes gêneros textuais. Isso porque buscar os conhecimentos prévios de determinado gênero textual e incentivar a leitura leva ao que dizem os PCN:

as categorias propostas para ensinar a produzir textos permitem que, de diferentes maneiras, os alunos possam construir os padrões da escrita, apropriando-se das estruturas composicionais, do universo temático e estilístico dos autores que transcrevem, reproduzem, imitam. É por meio da escrita do outro que, durante as práticas de produção, cada aluno vai desenvolver seu estilo, suas preferências, tornando suas as palavras do outro (PCN, 1998, p. 77).

As histórias contidas em Felpe Filva, com certeza, auxiliaram nas atividades aplicadas pela professora. Os alunos foram capazes de repetir as informações que foram disponibilizadas em classe, relativas à função de cada texto e as suas características fundamentais (estrutura formal).

Houve muito questionamento, como o que escrever e a maneira de expor as ideias. Observou-se nessa etapa que muitos escreveram de acordo com a norma padrão, decorando as folhas com corações, flores, mas, como em todo processo há exceções, alguns demonstraram dificuldades em produzir os textos propostos. No entanto foram avaliados como positivos os resultados obtidos.

As argumentações, escritas ou orais, dos alunos, nos momentos em que foram solicitadas, ganharam em qualidade e coerência com o tema em questão. Eles também foram capazes de elaborar diferentes textos, o que pôde ser observado, especialmente, quando redigiram cartas para serem postadas e enviadas através dos Correios. A participação do grupo de alunos teve crescimento também quantitativo, mobilizando-os cada vez mais nas conversas sobre os gêneros textuais.

Como o trabalho aconteceu de forma pontual, nem todos os alunos atingiram o mesmo grau de compreensão, sendo preciso, assim, que a escola dê continuidade à proposta de variar os textos na sala de aula, promovendo discussão sobre eles e incentivando o uso, em situações reais ou simuladas, de textos.

5 Considerações finais

Trabalhar com os gêneros textuais foi uma experiência muito proveitosa, pois, além de receber/passar informações, foi possível aprender sobre o conteúdo dado e conhecer um pouco de diferentes situações da turma acompanhada. Foram disponibilizados espaços para que a construção do conhecimento de gêneros textuais se tornasse mais significativa, com a utilização de variados gêneros textuais que fazem parte do cotidiano dos estudantes.

Os alunos, após produzirem os textos, sentiram-se motivados a escrever espontaneamente outros textos, sem medo de serem criticados. O resultado foi satisfatório, devendo-se ressaltar que eles, durante suas produções, passaram a considerar os aspectos formais - como estrutura, finalidade, estratégia de

produção, objetivo, organização dos conteúdos numa sequência lógica – que regem a construção textual.

Finalizando, é pertinente frisar a importância do trabalho com os gêneros textuais na escola, incentivando os educadores a refletir e inovar suas práticas didáticas, buscando concepções de teóricos atuais, para que possam aprimorar suas posturas pedagógicas em relação ao processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

Referências

BAZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Gênero, agência e escrita. São Paulo: Cortez, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997, 144p.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1999.

DOLZ, J., M. NOVERRAZ & B. SCHNEUWLY (2004). Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B. & J. DOLZ (2004) Gêneros Oraís e Escritos na Escola. Mercado de Letras, p. 95-128.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FURNARI, Eva. Felpe Filva. São Paulo: Moderna, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino. 4 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

SCHNEUWLY, Bernard E DOLZ, Joaquim (1999). Os gêneros escolares: Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *Revista Brasileira de Educação*, n.º11. 5-17.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, 125p.